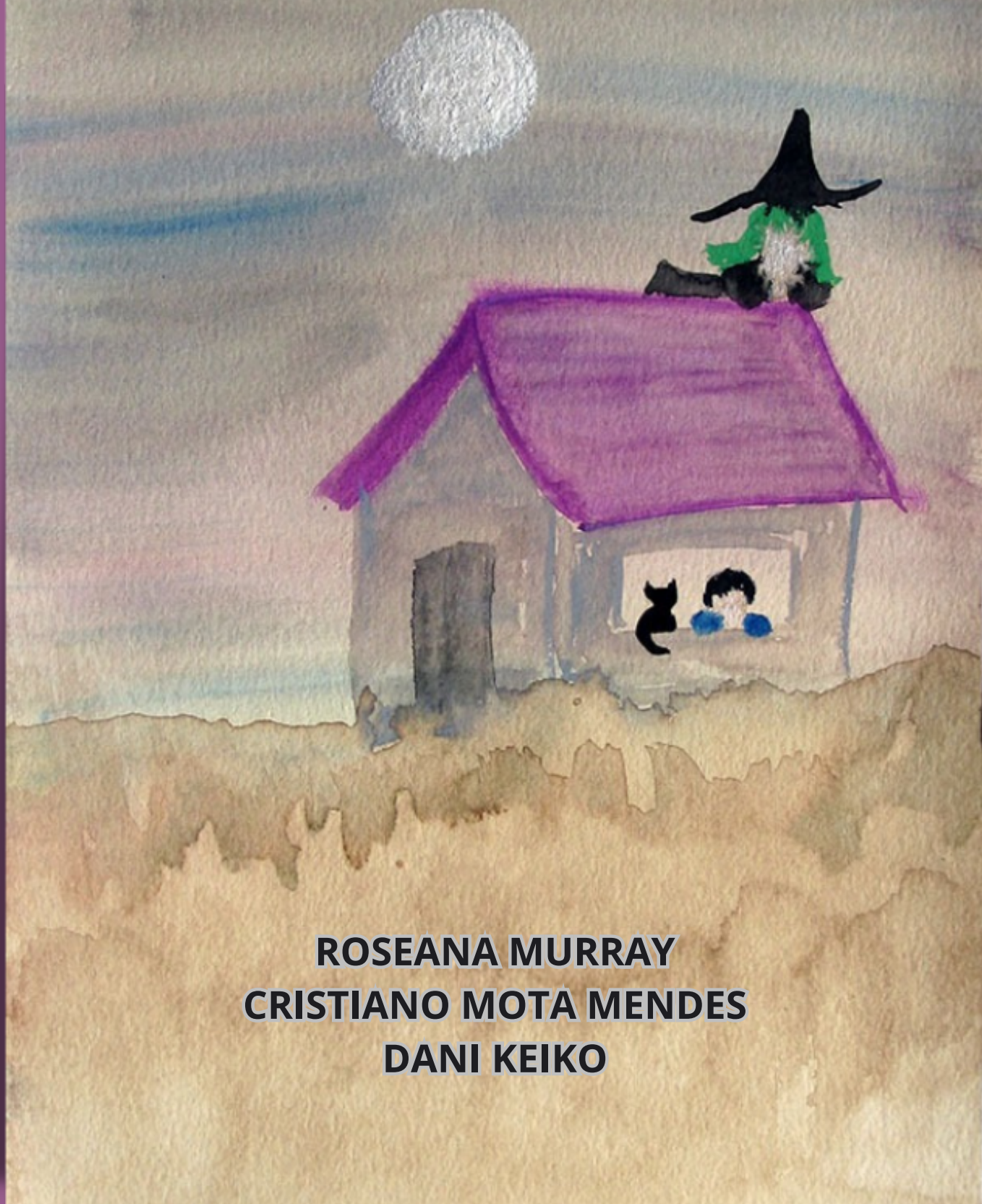


POEMAS DE ENCANTADOS



ROSEANA MURRAY
CRISTIANO MOTA MENDES
DANI KEIKO

ROSEANA MURRAY



Nasci no dia 27 de dezembro em 1950, no Rio de Janeiro.

Passei a infância, num tempo distante, com a minha babá Eunice. Sua irmã Ines vinha às vezes na nossa casa de visita.

Era uma festa. Eu me sentava ao seu lado para ouvir histórias apavorantes de Saci, da Cuca, da Mula sem Cabeça.

E depois li no Sítio do Picapau Amarelo, as aventuras com todas estas entidades do folclore brasileiro.

Estas entidades povoaram a minha infância desde muito cedo e foi fácil buscá-las e carregá-las para dentro dos poemas.

Divido este E book com meu amigo Cristiano Mota Mendes, que é músico, escritor, poeta, ator, roteirista, um grande conhecedor de Guimarães Rosa e trabalhou por muitos anos no Museu do Folclore.

Agradeço ao Jiddu K. Saldanha, meu fazedor de E books, o seu belo trabalho.

CRISTIANO MOTA MENDES



Criar um e-book que falasse sobre mitos tradicionais brasileiros, foi um caminho que decidimos percorrer em verso e prosa misturados.

Pequenos textos e poemas foram escritos a partir de estórias que ouvimos e lemos sobre sacis, botos, comadres-fulozinhas, mulas-sem-cabeca, curupiras e cucas.

A singeleza desses mitos trazem também caminhos que apontam para questões que envolvem a preservação da natureza, aqui apresentadas em tom de fábula.

Fontes do saber de um povo, cantadas em prosa e verso para os que amam as raízes do folclore e da cultura popular e para um público infanto-juvenil que possa aprender e saborear esses personagens.

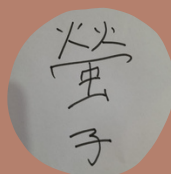
DANI KEIKO



A magia do folclore está no meu dia a dia.

Moro numa floresta encantada chamada Visconde de Mauá e sinto cada um deles, cuidando da nossa flora e fauna.

Com minha família tentamos ajudá-los a replicar suas magias...





火
虫
子

CLAVE DE SI

O saci faz música
na clave de si,
pula num pé só,
bate palmas,
chama um redemoinho
de vento,
pita seu cachimbo
para iluminar a noite.
Enquanto todos dormem
o saci faz traquinagens,
estrepolias, suas tão conhecidas brincadeiras:
nas fazendas trança o rabo
dos cavalos, azeda o leite
na cozinha,
troca o sal pelo açúcar,
esconde o cadarço
dos sapatos,
desafina os instrumentos.
Difícil mesmo é ver um saci.
Tem gente que diz
eu vi eu vi eu vi
tem gente que diz
nunca vi nunca vi nunca vi.

R.M.

SACI

Ci, a lua, onde Saci apronta.
Diz que ele chama bagunça.
Enrola, enreda, confunde.
Dá de comer
ao que não presta.
Mas não empresta fiado.
Papo furado!
Saci é gente boa.
Gosta é de brincar
Mas cobra.
E quem não paga... .
Não empresta fiado.

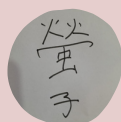
C.M.M.



SINHÁ FULOZINHA

Ela é menina moça cunhã.
Comadre das arvores e igarapés.
Ri com a chuva e se alegra com o sol.
Outro dia disse a uma sereia que a floresta é
também um mar.

C.M.M.



COMADRE FULOZINHA

Na mata
a comadre fulozinha
vagueia,
sua sombra se mistura
com as árvores.
Ela é a guardiã da floresta
e cada folha é sua aliada.
Menina-Mulher, de longos
e lisos cabelos,
com seu assovio desnorteia
os caçadores,
que não acham mais
o caminho de casa.
Quando se enfurece, ataca
os destruidores com surra
de cipó,
mas, às vezes, seu coração
se derrete com presentes:
fumo picado
e mingau de aveia.
É muito perigoso encontrá-la
em noites de lua-cheia.

R.M.



NO BREU DA MATA

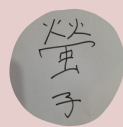
Às vezes, no breu da mata,
se ouve um barulho
de cascos, o corpo todo
se arre pia e lá vem
um fogo galopando:

É a mula-sem-cabeça,
a cabeça é um fogaréu,
não tem olhos,
não tem boca,
não tem dentes!
parece uma chaminé,
um vulcão ardente.

Quem for humano
que se esconda
e quem não for também.

Até que a mula passe,
zumzumzum, feito um vento
quente, já se foi, já passou.

R.M.



MULA SEM CABEÇA

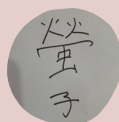
No Maranhão a mula-sem-cabeça tem
o nome de cavala-canga.

O povo fecha a janela quando ela passa.
Olha lá! Dobrou a esquina e deixou um rastro
de fogo.

A madrugada apagou o fogo da fera
encantada.

E um menino dorme.

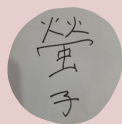
C.M.M



CURUPIRA

O Curupira quem é?
Será que o seu pé
ao contrário,
virado para trás,
as suas pegadas ao revés,
de marcha-ré,
desarruma o caminho
dos caçadores?
É um moleque engraçado,
cheio de truques e manias
para defender a mata
e suas vidas.
Quem caça e derruba árvores
que tome muito cuidado.
O curupira embaralha
os cipós, os ramos,
confunde
toda essa gente má
que fica perdida
para sempre, para sempre.

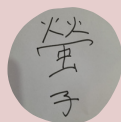
R.M.



CURUPIRA SUMIU?

Do jeito que as coisas estão o Curupira
sumiu, deu o pira das matas.
Seu tacape de menino índio não é para ferir.
Ele ri com o invisível. Mira e vê. Faz música
com as estrelas. E carrega um sonho de ver o
mundo mais feliz.

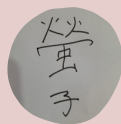
C.M.M.



BOTO COR DE ROSA

Ondula nos rios,
dança, mergulha e volta,
o boto cor de rosa.
Mistura de vermelho
com branco,
sangue com nuvem.
Dizem que nas festas
sai do rio feito um homem,
o mais belo,
pronto para namorar
ao ar livre,
de casaca e de chapéu.
E depois do casamento
de mentira,
a noiva apaixonada
chora de abandono.
O moço volta para as águas,
e do amor e das lágrimas,
nasce o filho do boto.

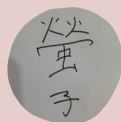
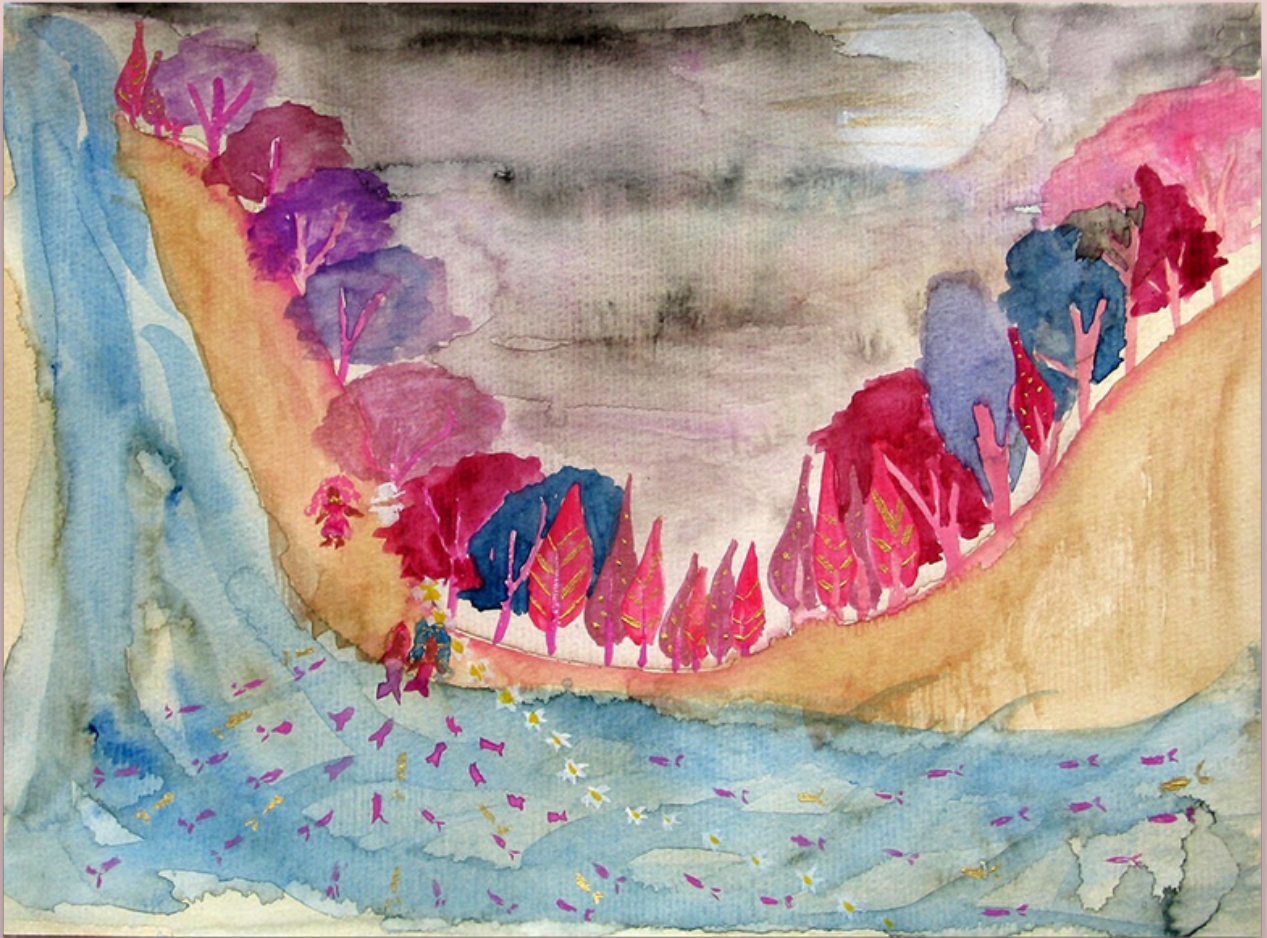
R.M.



COMO SE DANÇASSE

Boto anda como se dançasse.
Terno de linho branco quando vira gente.
Chapéu de malandro.
Água de colônia no lenço.
O sorriso encanta as moças.
Encanta
as sereias de beira-rio.
Pe-de-valsas.
O danado dança
que só vendo.
Dizem que o perfume
que usa tem cheiro de rio, de jasmim, de
remanso.
Quem será sua mãe?
Não adianta reza braba.
Quando tem de vir, vem.

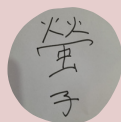
C.M.M.



COBRA DE FOGO

Tatá, fogo.
Cobra, m'boi.
Na lingua do povo
da floresta.
Se iluminou de comer
os olhos dos bichos que morreram na cheia
grande.
Depois foi pro céu
e está até hoje por lá, enorme serpente
da Via Láctea.
"Cada bicho guarda no corpo o sumo do que
comeu."

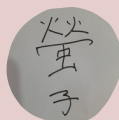
C.M.M.



BOITATÁ

Uma cobra de fogo
ondula seu mistério
pela mata.
Acende-apaga-acende,
persegue os humanos
que incendeiam a floresta.
Na escuridão seus olhos
iluminam a noite,
como se fossem
vagalumes vermelhos.

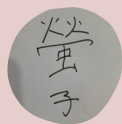
R.M.



BRUXA OU JACARÉ?

Uma bruxa bem malvada
com cara de jacaré,
com voz esganiçada,
agachada no telhado,
balança-o-corpo-balança
os horríveis pensamentos.
A Cuca espera uma criança
que dentro da casa,
manhosa e malcriada ,
grita e esperneia,
para carregar lá pro fundo
do mundo.
Ainda bem, que alívio,
que a Cuca
só existe de faz de conta.

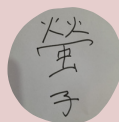
R.M.



CUCA

A Cuca não é mestra.
A Cuca deixa a noite esquisita.
Até a lua se esconde
Será o Benedito?
Cruzes.
Que bicha mais feiosa!
Quero saber dela não.

C.M.M.



FICHA TÉCNICA

POEMAS

Roseana Murray

Cristiano Mota Mendes

FOTOGRAFIAS

Luis Fernando Mèrigo Orellana

AQUARELAS

Dani Keiko

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha

ISBN - 978-65-85568-02-9

CLIQUE AQUI